Legislação de Imprensa

NOTÍCIA HISTÓRICA — MOTIVO INFLUENTE DO RETARDAMENTO DA IMPRENSA BRASILEIRA

João Alves Pereira

O assunto do dia, no Brasil e em todo mundo civilizado, é o que se prende à liberdade da imprensa, em fase de crise, diante da anormal situação administrativa, política e econômica porque passam os povos.

Este trabalho, em torno do assunto, vai focalizar algumas notícias históricas das leis sobre a matéria, em sua origem portuguesa, e ainda suas consequências como índice do retardamento da integração do Brasil-colônia no orbe literário e sustentando ser um dos fatores a proibição de montagem de tipografias na Colônia. Tanto isto é verdade, que com a vinda de D. João VI, em 1808, no dia 13 de maio daquele ano, foi a oportunidade para ser proclamada a liberdade dos trabalhos gráficos com a criação da Imprensa Nacional.

Um superficial e ligeiras indicações sobre a legislação de imprensa, em Portugal, dão idéia da medida censória e de seus motivos. Assim, o alvará de 22 de fevereiro de 1537, segundo Marcelo de Ipanema, cria condições severas para o funcionamento de tipografias, sujeitando o impressor, também, à autoridade censorial do Desembargo do Paço, Santo Offício e Ordinário, órgãos que tinham o dever de punir e reprimir todos os motivos hostis à ordem e a missão de vigiar a literatura portuguesa, a fim de expurgá-la de influências contrárias aos interesses da Igreja e à política reinante, ação que durou "pelo espaço de três longos séculos".

O período foi extenso. A censura abrangia autores, impressores, vendedores e revendedores de livros. Eram considerados revendedores de livros aqueles

que recebiam obras impressas no estrangeiro e seu conteúdo feria a lei fundamental da Mesa Censora. Estas obras surgiam, principalmente, da França onde o anseio de liberdade já prenunciava a queda do arbítrio e do absolutismo em 1789.

Desde o alvará de 1537 até a revolução de 1820, quando foi votada a nova lei básica de Portugal, e ficou estabelecido que "A livre comunicação dos pensamentos he hum dos mais preciosos direitos do homem", a tipografia, no Brasil, teve seu funcionamento proibido, com grave prejuízo à evolução da imprensa e da literatura nacional.

A excelente obra "Legislação de imprensa" de Marcelo de Ipanema, acima citado, está enriquecida de expressiva documentação extraída dos "Anais da Bibliotheca da Bahia" e da Bibliotheca Nacional. De sua leitura chega-se ao conhecimento de que as tipografias, pelo rigor da censura, não eram livres nem para imprimir um banalíssimo convite para festa, e no Brasil, não havia tipografia para imprimir qualquer espécie de trabalho.

Está patente que a vida e feito material da imprensa se funda na arte gráfica. Bem porisso é interessante, para uma visão de como o problema era tratado no Brasil, pela censura, a transcrição do edital, mandado cumprir, em nome de D. João, Rei de Portugal, nos seguintes termos:

"Faço saber a vós governador e capitão general da capitania do Rio de Janeiro, que por constar, que d'este reino temido para o Estado do Brazil quantidades de letras de imprensa, no qual não he conveniente se imprimão papeis no tempo presente nem ser de utilidade aos impressores trabalharem no seu officio, aonde as despesas são maiores que no reino, do qual podem hir im-

pressos os livros e papeis no mesmo tempo, em que d'elle devem ir as licenças da inquizição e do meu Conselho Ultramarino, sem as quais se não podem imprimir, nem correrem as obras; portanto se vos ordena, que constando-vos que se achao algumas letras de imprensa nos limites do vosso governo, as mandeis sequestrar, e remeter para este reimo por conta e risco dos donos".

Não na duvida de que nunca a liberdade de imprensa foi mais tolhida. A reia leitura do trecho transcrito se vê que a censura preveniva arrancava pela raiz o elemento que julgava um mal ao governo português.

O direito da força, imperando na Metropole e nas colônias, a serviço dos temerosos da liberdade e não da liberdade de imprensa, reúne à sua odiosa bagagem o crime imperdoavel de ter votado a um retardamento de varios seculos a evolução do jornalismo, da brilhante jornada intelectual a que estava tadada a gente do Brasil, e cuja caminada começaria, tamente, com as tipografias que contasse no pais, mesmo que fossem de modesta capacidade de impressao.

A imensa falta que faz uma tipografia pode ser demonstrada com um exemplo, entre o numero incalculavel de fatos. Por ser citado o que ocorria no Paraná, dentro de suas cidades do interior, antes do grande surto dos estabelecimentos ginásias. Naqueles tempos o que propiciava condução para incentivo intelectual era a tipografia. Ela representava algo de sublime para os que tinham vocação para articulista, contista ou poeta. De fato, era naquelas pequeninas oficinas que se processava, graças aos afeiçãoos às lides das letras, a graduação de numerosa turma de literatos paranaenses. Daquelas oficinas saiam à luz da circulação a "Folha Rosea", "A Vanguarda", "A Sempre Viva", "A Teosoura", "O Esporte", "O Kick", "O Farnal" e tantos outros veiculos do labor intelectual da época.

A citação desses jornais serve, apenas, para dar uma estimativa do que seria o nível intelectual do país, não fora a mistura da tipografia na legislação de imprensa, agravada com a proibição de funcionamento.

Em conclusão, o processo de retardamento da integração do Brasil no orbe literário, não obistou que, em pleno século atômico, quando mais se ameaça a liberdade responsável, as leis de imprensa venham encontrar homens de estatura moral que se não abalam, que vivem conscientes das tarefas que lhes cabem na defesa da ordem e do regime constitucional.

— O livro é o pão dos sábios, e o médico dos corações.

Leia! Pense! Estude! Trabalhe!
Bibliotéca Dr. OSVALDO CRUZ
da Fundação educacional pelas bibliotecas circulantes. "Santos Dumont" — Mandaguari - Pr.

— O navio singra os mares, o avião conquista os ares, e o livro domina o mundo.

Leia! Pense! Estude! Trabalhe!
Bibliotéca Dr. OSVALDO CRUZ
da Fundação educacional pelas bibliotecas, circulantes. "Santos Dumont" — Mandaguari - Pr.